

Discurso do Papa Francisco aos empresários italianos representados pela Confindustria – Vaticano 13 setembro 2022 (texto em brasileiro)

Caros **empresários** e **empresárias**, bom dia e bem-vindos!

Agradeço ao Presidente a saudação e a introdução. Fico feliz em poder me encontrar com vocês e, através de vocês, me dirigir ao **mundo dos empresários**, que são um componente essencial na construção do bem comum, são um motor de desenvolvimento e prosperidade.

Este não é um tempo fácil, para vocês e para todos. O **mundo dos negócios** também está sofrendo muito. A pandemia pôs à prova muitas atividades produtivas, todo o sistema econômico foi ferido. E agora se somou a guerra na Ucrânia com a crise energética resultante. Nessas crises também sofre o bom empreendedor, que tem a responsabilidade por sua empresa, pelos empregos, e que sente sobre si incertezas e riscos.

No mercado há **empresários “mercenários”** e **empresários semelhantes ao bom pastor** (cf. Jo, 11-18), que padecem os mesmos sofrimentos que os seus trabalhadores, que não fogem diante dos muitos lobos que circulam ao redor. As pessoas sabem reconhecer os bons empresários. Também o vimos recentemente, com a morte de **Alberto Balocco**: toda a comunidade empresarial e civil ficou entristecida e expressou sua estima e reconhecimento.

Desde os inícios, a Igreja acolheu também os mercantes, precursores dos **modernos empresários**. Na **Bíblia** e nos **Evangelhos** fala-se de **trabalho**, de **comércio**, e entre as parábolas há aquelas que falam de moedas, de proprietários de terras, de administradores, de pérolas preciosas adquiridas.

O pai misericordioso do **Evangelho de Lucas** (cf. 15, 11-32) é-nos apresentado como um homem rico, proprietário de terras. O Bom Samaritano (cf. Lc 30-35) poderia ter sido um mercador: é ele quem cuida do homem assaltado e ferido, e depois o confia a outro empresário, um hospedeiro. Os “dois denários” que o **samaritano** antecipa ao hospedeiro são muito importantes: no Evangelho não há apenas as trinta moedas de Judas; não apenas aquelas. De fato, o mesmo dinheiro pode ser usado, ontem como hoje, para trair e vender um amigo ou para salvar uma vítima. Vemos isso todos os dias, quando o **dinheiro de Judas** e o do **Bom Samaritano** convivem nos mesmos mercados, nas mesmas bolsas de valores, nas mesmas praças. A **economia** cresce e se torna **humana** quando o **dinheiro dos samaritanos** se torna mais numeroso que o de **Judas**.

Mas a **vida dos empresários na Igreja** nem sempre foi fácil. As palavras duras que Jesus usa para com os ricos e as riquezas, aquelas do camelo e do buraco da agulha (cf. Mt, 23-24), às vezes foram estendidas com demasiada rapidez a todo **empresário** e a todo **comerciante**, comparados àqueles vendedores que Jesus expulsou do templo (cf. Mt, 12-13). Na realidade, pode-se ser **comerciante**, **empresário**, e ser **seguidor de Cristo**, **habitante do seu Reino**. A pergunta então passa a ser: quais são as condições para que um empresário possa entrar no **Reino dos Céus**? E gostaria de destacar algumas. Não é fácil...

A primeira é o **compartilhamento**. A **riqueza**, por um lado, ajuda muito na vida; mas também é verdade que muitas vezes a complica: não só porque pode tornar-se um ídolo e um senhor implacável que rouba dia após dia toda a vida. Também complica porque a riqueza exige responsabilidade: uma vez que possuo bens, tenho a responsabilidade de fazê-los dar frutos, de não os desperdiçar, de usá-los para o **bem comum**. Além disso, a **riqueza** cria em torno de si inveja, maledicência, muitas vezes **violência** e **maldade**.

O próprio Jesus diz que é muito difícil para um rico entrar no Reino de Deus. Difícil, sim, mas não impossível (cf. Mt 19,26). E de fato conhecemos pessoas ricas que fizeram parte da primeira comunidade de Jesus, por exemplo **Zaqueu de Jericó**, **José de Arimateia**, ou algumas mulheres

que sustentavam os apóstolos com seus bens. Nas primeiras comunidades havia mulheres e homens que não eram pobres; e na Igreja sempre houve pessoas ricas que seguiram o Evangelho de forma exemplar: entre elas também empresários, banqueiros, economistas, como os beatos **Giuseppe Toniolo** e **Giuseppe Tovini**.

Para entrar no **Reino dos Céus**, nem a todos é pedido para se despirem como o mercador Francisco de Assis; a alguns que possuem riquezas é pedido para compartilhá-las. Compartilhar é outro nome para a **pobreza evangélica**. E, de fato, a outra grande imagem econômica que encontramos no Novo Testamento é a comunhão de bens narrada pelos **Atos dos Apóstolos**: “E era um o coração e a alma da multidão dos que criam [...], todas as coisas lhes eram comuns [...]. Não havia, pois, entre eles necessitado algum” (4,32-34).

Como viver hoje esse **espírito evangélico de partilha**? As formas são diferentes, e cada empresário pode encontrar a sua, de acordo com sua **personalidade e criatividade**. Uma forma de compartilhamento é a **filantropia**, ou seja, doar à comunidade, de várias maneiras. E aqui quero agradecer seu apoio concreto ao povo ucraniano, especialmente às crianças deslocadas, para que possam ir à escola; obrigado!

Mas muito importante é aquela modalidade que no mundo moderno e nas democracias são impostos e as taxas, **uma forma de compartilhamento muitas vezes não entendida**. O **pacto fiscal** é o coração do **pacto social**. Os **impostos** também são uma forma de compartilhamento da riqueza, para que ela se transforme em **bens comuns, bens públicos**: escola, saúde, direitos, cuidados, ciência, cultura, patrimônio. É claro que os **impostos devem ser justos, equitativos, fixados com base na capacidade de contribuição de cada pessoa**, conforme estabelecido na Constituição italiana (ver artigo 53). O **sistema e a administração tributária** devem ser eficientes e não corruptos. Mas os impostos não devem ser considerados como uma usurpação. São uma alta forma de **partilha de bens**, são o coração do **pacto social**.

Outra forma de partilha é a criação de trabalho, **trabalho para todos**, especialmente para os **jovens**. Os jovens precisam da sua confiança e vocês precisam dos jovens, porque as empresas sem jovens perdem inovação, energia e entusiasmo. O trabalho desde sempre é uma **forma de comunhão de riquezas**: ao contratar pessoas vocês já estão distribuindo seus bens, já estão criando riquezas compartilhadas. Cada **novo emprego** criado é uma **fatia de riqueza** compartilhada dinamicamente. Aqui também reside a centralidade do trabalho na economia e sua grande dignidade. Hoje, a técnica corre o risco de nos fazer esquecer essa grande verdade, mas se o novo capitalismo criar riqueza sem criar empregos, entra em crise essa grande função boa da riqueza. E por falar nos jovens: quando encontro os governantes, muitos me dizem: “O problema do meu país é que os jovens vão embora, porque não encontram oportunidades”. **Criar empregos** é um desafio e alguns países estão em crise por causa dessa falta. Peço-lhes este favor: que aqui, neste país, graças à sua iniciativa, à sua coragem, existam empregos, criados sobretudo para os jovens.

No entanto, o **problema do trabalho** não pode ser resolvido se permanecer ancorado apenas nos limites do mero **mercado de trabalho**: é o modelo de ordem social que deve ser questionado. Que **modelo de ordem social**? E aqui entra a questão da redução da natalidade. A **queda na taxa de natalidade**, aliada ao rápido envelhecimento da população, está agravando a situação para os **empresários**, mas também para a economia em geral: a **oferta de trabalhadores diminui e aumentam as despesas com pensões** a cargo das finanças públicas. É urgente apoiar as famílias e a natalidade na prática. Devemos trabalhar nisso, para sair o mais rápido possível do **inverno demográfico** em que a **Itália** e outros países estão vivendo. É um **inverno demográfico ruim**, que vai contra nós e nos impede essa capacidade de crescer. Hoje ter filhos é, eu diria, uma questão patriótica, inclusive para levar o país adiante.

Ainda a respeito da **taxa de natalidade**: às vezes, uma mulher que está empregada aqui ou trabalha ali, tem **medo de engravidar**, porque existe uma realidade - não estou falando entre vocês

- mas existe uma realidade que assim que se começa a ver a barriga, ela é mandada embora. “Não, não, você não pode engravidar.” Por favor, esse é um problema das **mulheres trabalhadoras**: estudem-no, vejam como fazer para que uma **mulher grávida** possa continuar, tanto com o filho que está esperando, quanto com o trabalho. E ainda em relação ao trabalho, há outro tema a destacar. A **Itália** tem uma **forte vocação comunitária e territorial**: o **trabalho** sempre foi considerado dentro de um **pacto social** mais amplo, onde a empresa é parte integrante da comunidade.

O território vive da empresa e a empresa se nutre dos recursos locais, contribuindo substancialmente para o bem-estar dos lugares em que está inserida. Nesse sentido, deve ser realçado o papel positivo que as empresas desempenham sobre a **realidade da imigração**, favorecendo a integração construtiva e valorizando capacidades indispensáveis para a sobrevivência da empresa no contexto atual. Ao mesmo tempo é necessário reafirmar fortemente o “não” a qualquer forma de exploração das pessoas e negligência em sua segurança. O problema dos migrantes: o migrante deve ser acolhido, acompanhado, apoiado e integrado, e a forma de integrá-lo é o trabalho. Mas se o migrante é rejeitado ou simplesmente usado como trabalhador sem direitos, isso é uma grande injustiça e também prejudica o próprio país.

Também gosto de lembrar que **o próprio empresário é um trabalhador**. E que isso é muito bom, hein! Não vive de renda; o **verdadeiro empresário vive do trabalho**, vive trabalhando e continua sendo empresário enquanto trabalha. O **bom empresário** conhece os **trabalhadores** porque conhece o trabalho. Muitos de vocês são empresários artesãos, compartilhando a mesma labuta e beleza cotidiana de seus funcionários. Uma das graves crises do nosso tempo é a perda de contato dos empresários com o trabalho: à medida que crescem, a vida passa em escritórios, reuniões, viagens, congressos e não se vai mais às oficinas e às fábricas. Esquece-se o “**cheiro**” do **trabalho**. É ruim. É como acontece a nós padres e bispos, quando esquecemos o cheiro das ovelhas, não somos mais pastores, somos funcionários. Esquece-se o **cheiro do trabalho**, não se consegue mais reconhecer os produtos com os olhos fechados ao tocá-los; e quando um empresário não toca mais em seus produtos, ele perde o contato com a vida de sua empresa, e muitas vezes também começa seu declínio econômico. O contato, a proximidade, que é o estilo de Deus: estar perto.

Criar trabalho gera também uma certa **igualdade** em suas empresas e na sociedade. É verdade que existe uma **hierarquia nas empresas**, é verdade que existem funções e salários diferentes, mas os **salários** não devem ser muito diferentes. Hoje a parcela de valor que vai para o **trabalho** é muito pequena, principalmente se compararmos com aquela que vai para as **rendas financeiras e os salários dos altos executivos**. Se a diferença entre os salários mais altos e os mais baixos se tornar muito grande, a comunidade empresarial adocece e logo a sociedade adocece.

Adriano Olivetti, um grande colega de vocês do século passado, havia estabelecido um limite de distância entre os salários mais altos e os mais baixos, porque sabia que quando os salários são muito diferentes, perde-se na **comunidade empresarial** o sentido de pertencimento a um destino comum, não se cria empatia e solidariedade entre todos; e assim, diante de uma crise, a **comunidade de trabalho** não responde como poderia responder, com graves consequências para todos.

O valor que vocês criam depende de todos e de cada um: depende também da sua **criatividade**, talento e inovação, depende também da cooperação de todos, do **trabalho cotidiano** de todos. Porque se é verdade que cada trabalhador depende dos seus empresários e gestores, também é verdade que o **empresário depende dos seus trabalhadores**, da sua criatividade, do seu coração e da sua alma: podemos dizer que depende do seu “capital” espiritual, dos trabalhadores.

Caros amigos, os grandes desafios da nossa sociedade não poderão ser superados sem **bons empresários**, e isso é verdade. Encorajo vocês a sentir a urgência do nosso tempo, a serem protagonistas desta mudança de época. Com a sua criatividade e inovação podem criar um sistema

econômico diferente, onde a salvaguarda do ambiente seja um objetivo direto e imediato de sua ação econômica. Sem novos empresários, a **Terra** não resistirá ao **impacto do capitalismo** e deixaremos um planeta muito ferido, talvez inabitável, para as próximas gerações. O que fizemos até agora não é suficiente: por favor, vamos nos ajudar juntos a fazer mais.

E agradeço por sua presença e desejo tudo de bom para vocês e seu trabalho. Abençoo vocês de coração juntamente com as suas famílias. E por favor, peço-lhes que não se esqueçam de orar por mim. Obrigado!